

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Regular Class.: 246

Data: 26/05/91 Pg.: \_\_\_\_\_

# Reservas abandonadas

Pesquisador do IGPA vê índios passando necessidade

**Silvana Bittencourt**

Casas desmoronando, o mato invadindo os quintais, falta de remédios, de alimentos e funcionários, postos indígenas fundamentais à vigilância das reservas desativados por falta de recursos, pistas de pouso sem condições de operação. Foi esta a situação que pesquisadores do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), da Universidade Católica de Goiás, encontraram em áreas indígenas de Rondônia e norte do Mato Grosso durante expedição realizada no início do mês, para estudo de plantas medicinais utilizadas pelas tribos, pesquisas etnográficas entre os Urueu Wau Wau, e verificação de cavernas ocupadas por peboíndios.

Também prejudicado pela carência de recursos, um pequeno grupo composto pela antropóloga Dulce Rios Pedroso, antropólogo visual Jesco Von Puttkamer e sertanista Apoena Meirelles, passou duas semanas na região, custeando a viagem com a ajuda de entidades estrangeiras e com dinheiro próprio. A expedição concluiu que a Funai passa por um momento trágico em sua história, e decidiu lançar uma campanha para o restabelecimento de postos indígenas da reserva dos Urueu Wau Wau. O grupo adverte que estes postos são imprescindíveis, pois além de atender as necessidades dos índios, funcionam como pontos de vigilância para impedir a entrada de posseiros, garimpeiros e madeireiros nas terras da tribo. A idéia é reivindicar à Funai o material necessário e, utilizando seus próprios funcionários, promover uma espécie de mutirão, começando no posto comandante Ari Dal Toé, "cuja situação é deplorável".

### ANTICOAGULANTE

As pesquisas do IGPA serviram para a coleta de novas plantas com propriedades anticoagulantes, como a padia e timbouba, utilizadas pelos índios para matar peixes. O grupo localizou também sítios arqueológicos pré-históricos em abrigos do planalto de Alta Lídia, e avaliou a situação da tribo Urueu Wau Wau, que completa agora 10 anos de contato com a sociedade moderna. Além de constatar que os índios estão em boas condições de saúde, os antropólogos colheram importantes informações sobre seu sistema de vida, a forma de regulamentação dos grupos, dos casamentos e dos nomes.

Os Urueu falam a língua Tupi e pertencem ao grande grupo Tupi Kamahív, compartilhando o idioma e cultura com seus parentes Parintintin, Tenharin, e Kari-puna, entre outros. Eles se auto-denominam Kawahywa, e se dividem socialmente em duas metades - mutum e arara - entre as quais são feitas os casamentos. Os nomes dos índios revelam o grupo a que eles pertencem e sua classe de idade. Nesta viagem, os pesquisadores perceberam que alguns índios já conhecidos estavam com nomes mudados, e descobriram que a razão era o crescimento das crianças ou o nascimento de filhos homens, que provoca a mudança de nome do pai: O nascimento de um índio faz também com que seus irmãos tenham seus apelidos trocados, com os mais novos adquirindo o nome dos mais velhos.

Apesar da década de contato com o branco, revela a antropóloga Dulce Rios, os Urueu Wau Wau continuam se alimentando de produtos cultivados por eles, como a mandioca, o milho de cor branca, amarela, vermelha ou preta, a batata doce, cará, inhame, tajuá, mamão, banana e cana. A tribo prefere seu próprio cardápio complementado com peixes, caça e frutos coletados nas florestas pois não se adaptam ao excesso de sal da comida feita pelo branco.

### NECESSIDADES

Enquanto desenvolviam



**Os antropólogos encontraram nas áreas indígenas de Rondônia e Mato Grosso casas desmoronando, mato invadindo quintais, falta de remédios, alimentos e funcionários, postos desativados e pista de pouso sem condições de operação. Prof. Jesco (foto) com o pequeno príncipe "Caimbu"**

seus trabalhos científicos, os pesquisadores se surpreenderam com a situação de abandono a que foram submetidos os postos indígenas, e levantaram as providências necessárias para garantir a sobrevivência das tribos. Segundo relatam, há vários meses a Funai não envia recursos para a assistência às reservas, e os funcionários que permanecem na região - como sertanistas e enfermeiras - o fazem por simples idealismo. Os salários são reduzidos e pagos com atraso, e quando os chefes de postos viajam até as cidades para fazer reivindicações são obrigados a ficar sem dinheiro para comida, hospedagem e transporte durante semanas.

A expedição constatou ainda que algumas sedes da Funai, como a de Porto Velho, estão com telefones cortados e ameaçadas

de despejo, por falta de pagamento. O quadro trágico, na opinião do grupo, poderia ser revertido com a alocação de recursos mínimos e aproveitamento de técnicos ociosos ou impossibilitados de trabalhar. Nas reservas indígenas, revelam os pesquisadores, existem grandes riquezas de madeira e minérios que poderiam ser exploradas racionalmente em benefício dos índios, mas vêm sendo comercializadas de forma distorcida. Índios jovens, já contaminados pelo contato com o branco e seduzidos pelos bens tecnológicos da sociedade moderna, têm negociado madeira em seu favor, prejudicando o restante da tribo. Um sintoma claro da desagregação de interesses comuns e favorecimento do individualismo, que dita as normas da sociedade branca, analisam os antropólogos.